

DIZER DE SI AO FIM DA VIDA: ROUSSEAU E SEUS DEVANEIOS

Everton Luiz Lovera¹

Caroline Tecchio²

INTRODUÇÃO

Uma das correntes recentes da História Cultural trata da “escrita de si”. “A escrita auto referencial ou escrita de si integra um conjunto de modalidades que se convencionou chamar de produção de si no mundo moderno ocidental” (GOMES, 2004, p.10). Assim, a escrita de si passou a representar a forma como o sujeito percebe-se no mundo e a partir daí passa a representar-se (através de seus atos, costumes, e o autodescrever), moldando a forma pela qual se deixa perceber pelo mundo externo. Das ações que se voltam a esse entendimento exteriorizado sobre o que faz parte de si, para os demais, contemporâneos ou posteriores.

De tal modo, procuramos trabalhar com os últimos textos de Rousseau – Os Devaneios do Caminhante Solitário – que remete ao fim da vida do autor, quando este se encontrava isolado da sociedade da época. Mesmo vivendo em Paris Jean-Jacques esquivava-se de seus contemporâneos. Os últimos anos da vida de Rousseau, apresentados no livro, nos revelam muito do que ele sente acerca de si, e muito do que quer deixar de sua imagem aos outros.

Mas em geral, de que modo nos legamos aos que virão? Quais as evidências do que somos, de que modo, mesmo anônimo, vivemos? Como construímos nossa imagem e, por quais meios deixamos que os outros a tornem sensíveis a si? E quais os meios de interpretar o modo como vivemos terão os que vivem conosco, ou nos entenderão no futuro? Quais usos os que virão podem fazer de nossas memórias?

Não pretendemos responder a tais perguntas durante o estudo, mas consideramos apropriado levantar esses questionamentos inicialmente a fim de ampliar o entendimento acerca da escrita de si. Ressaltamos que, nesta pesquisa, trabalharemos com o relato autobiográfico valendo-nos dos pressupostos teóricos da escrita de si para tais análises. Ainda questionaremos qual o motivo de escrever essas memórias e de como, a partir da escrita, Rousseau dá inicio a construção do que legaria à sua imagem ao devir.

“Os Devaneios do Caminhante Solitário” foi escrito nos últimos anos de vida de Rousseau, entre 1776 e 1778 e publicada postumamente. Este livro de Rousseau configura-se uma espécie de livro de pensamentos e reflexões, com dez textos escritos sobre as meditações que faz durante suas caminhadas ao redor de Paris nos anos finais de sua vida, sendo que o último desses textos ficou inacabado. Entretanto, os textos não são escritos sobre essas caminhadas feitas por Rousseau, mas como sugere o título, mas pelos pensamentos que afloram em seu ser durante as caminhadas. As narrativas mesclam o momento vivido por Rousseau e as

¹ Pós-graduado em História, Arte e Cultura, UEPG, 2014. Email: pmoreira120@gmail.com

² Orientadora. Mestre em história pela Universidade Federal de Pelotas.

lembranças que os devaneios e suas reflexões são postos em página.

A versão que tivemos acesso para análise conta com 134 páginas relativas às caminhadas e mais uma breve cronologia sobre a vida de Rousseau, que por vezes será necessário recorrer para contextualizar o leitor acerca da lembrança descrita e o momento em que esta se deu.

Ainda assim, todos os textos tratam de como Rousseau se percebe no mundo, sendo quase um balanço de sua vida até o momento da escrita (ou da revisão de cada um), intencionalmente³ projetado para ser lido posteriormente por outras pessoas – e por si mesmo - tal quais suas confissões, visto que:

Tomo uma resolução de que jamais houve exemplo e que não terá imitador. Quero mostrar aos meus semelhantes um homem em toda a verdade de sua natureza, e esse homem serei eu [...] Se a natureza fez bem ou mal quando quebrou a forma em que me moldou, é o que poderão julgar somente depois que me tiverem lido. Que a trombeta do juízo final soe quando bem entender; eu virei, com este livro na mão, apresentar-me diante do juiz supremo. Direi resolutamente: eis o que fiz, o que pensei, e o que fui (ROUSSEAU, 2011, p.21).

Nesta citação, que inicia as *Confissões* de Rousseau, pode-se perceber a intencionalidade de ser lido futuramente, escrevendo o que se pretendia dizer de si aos outros, como esta obra sendo uma espécie de contrapeso ao que a sociedade da época pensava dele. Momento igual há na obra os devaneios, ainda encontrado no texto referente à primeira caminhada, nos quais a mesma intenção prevalece, após dizer, “retomo a continuação do exame severo e sincero que chamei outrora de minhas *Confissões*” (ROUSSEAU, 2008, p.12) Rousseau nos diz:

Essas folhas não passarão de um diário disforme de meus devaneios. Nele, muito se falará de mim, porque um solitário que reflete necessariamente se ocupa muito de si mesmo. De resto, todas as ideias externas que passam pela minha cabeça ao caminhar também ali encontrarão lugar. Direi o que pensei tal como me ocorreu e com tão pouco encadeamento quanto as ideias da véspera têm em geral com as do dia seguinte. Mas pelo conhecimento dos

sentimentos e pensamentos que meu espírito faz seu alimento diário, no estranho estado em que me encontro, sempre resultará um novo conhecimento de minha natureza e de meu humor. Essas folhas podem, portanto, ser consideradas um apêndice a minhas *Confissões*, mas não uso do mesmo título por não sentir mais nada a dizer que possa merecer-lo. Meu coração se purificou no cadiño da adversidade, e nele mal encontro, sondando com cuidado, algum resquício de inclinação repreensível. O que teria a confessar, quando todos os afetos terrenos dele foram arrancados? (ROUSSEAU, 2008, p.13).

Como uma explicação do que serão estes novos escritos, Rousseau os indica próximos do que tinha por intenção tornar as suas *Confissões*, e, portanto, inclinando que estes escritos são feitos para serem lidos pelo público posteriormente. Essas duas obras citadas anteriormente, muito embora, distingue-se das demais obras do autor (com as quais tivemos, mesmo que breve, algum contato) pelo fato de escrever principalmente sobre sua vida, de forma direta, e dos momentos que Rousseau quer deixar transparecer algo sobre si, enquanto, em outras obras, este faz análises sobre o comportamento humano em sociedade (*Do Contrato Social*⁴), ou sobre como – ao seu ver – deveria ser pensada uma nova educação (*Emílio*), de modo a ser transformadora da sociedade em que se vivia na época. Desse modo, sua escrita difere-se pela forma apaixonada que fala de si mesmo, e pelos recortes entre o que fez durante suas caminhadas e o que isso lhe causa, mesclando descrições sobre o que vive e o que viveu, como se as caminhadas suscitasse nele a algum motivo por falar de suas lembranças (boas ou não) e, por vezes, ainda explicar seus atos.

Visivelmente percebe-se na escrita de Rousseau o refúgio que este busca na natureza. Das impressões que se possa ter, cabe a de que este é apaixonado pela natureza, pois tece, durante o livro, algumas passagens sobre seus estudos de botânica⁵ e do quão bem o contato com ela, (segundo suas palavras) o faz.

Esse apego à natureza e suas descrições apaixonadas por ela, e a forma de perceber a diferença entre as crianças e os adultos num formato diferen-

3 Muito embora o texto referente a décima caminhada foi inacabado, acreditamos que o autor fez algumas revisões sobre o que escrevia, relendo e projetando-a para que futuramente viesse esta a ser lida pelo público, tais como também viriam acontecer com as suas *Confissões*.

4 Tanto a obra *Do Contrato Social*, quanto *Emílio* foram apresentadas ao público no ano de 1762 e sofreram fortes críticas por partes da sociedade da época. Críticas essas que marcaram profundamente o destino de Rousseau. Na primeira obra citada Rousseau aponta seus pensamentos em relação a sociedade criando uma representação de um estado ideal. Já em *Emílio*, escrito em forma de romance, apresenta-se um novo olhar pedagógico. Uma explicação pequena e prudente sobre o que é o *Emílio* pode ser retirada da obra os pensadores que versa sobre Rousseau, na qual, se diz que esta procura traçar as linhas gerais sobre a educação do homem, com vistas a fazer da criança um adulto bom.

Como Rousseau cita na página 65 obra estuda o gosto pela botânica lhe foi inspirado pelo médico e botânico Jean-Antoine d'Ivernois, e também como auxílio para seus estudos utiliza a obra *Systema Naturae* do naturalista sueco Linneu para seus estudos.

ciado e pertinente para época o fazem extrapolar seu caráter de filósofo iluminista e o ligam (até hoje) a várias outras correntes do pensamento moderno. Como exemplo da importância do pensamento rousseauiano para época podemos citar o *Sturm Und Drang*⁶, movimento que impulsionou o reconhecimento de autores como Goethe e Schiller.

Podemos facilmente perceber (na citação que segue) a aproximação entre o modo de Rousseau descrever a natureza, dando-lhe um sentido de vivacidade, frente ao que viria se tornar a visão romântizada da natureza, explorada pelos pré-românticos alemães.

As árvores, os arbustos e as plantas são o adereço e a vestimenta da terra. Não existe nada mais triste que o aspecto de um campo nu e vazio que oferece aos olhos apenas pedras, limo e areia. Revivificada pela natureza e coberta com seu vestido de nupcias em meio ao curso das águas e ao canto dos pássaros, a terra oferece ao homem, com a harmonia dos três reinos, um espetáculo cheio de vida, de interesse e de encanto, o único espetáculo no mundo que nunca se cansa seus olhos e seu coração. Quanto mais o contemplador tiver a alma sensível, mais se entregará aos êxtases que essa harmonia lhe provoca. Um devaneio doce e profundo se apodera de seus sentidos, e ele se perde com deliciosa embriaguez na imensidão desse belo sistema com o qual se sente identificado. Todos os objetos particulares lhe escapam; ele nada vê e nada sente senão no todo. É preciso que alguma circunstância específica restrinja suas ideias e circunscreva sua imaginação para que possa ver em partes esse universo que se esforçava por abarcar (ROUSSEAU, 2008, p. 89).

A perceptível inclinação de Rousseau pelo contato com a natureza aumenta ainda mais o contraponto que este faz entre sociedade e ela. Há um sentimento de pertencimento a um planeta vivo nesta fala. Rousseau consegue dar vida a paisagem e transcrever a relação do observador frente à natureza como participante de um só mundo, transpassando a visão cartesiana de mundo que separava o observador do objeto observado, e contrariando a construção da visão moderna que tendia a separação o sentimento da razão, em uma época em que se negava a visão de mundo que derivaria do período medieval, já que as luzes da razão puderam esclarecer ao homem sobre o mundo e seu funcio-

namento. A visão sobre a natureza tende a refletir os estados de ânimo do observador, que vê como reflexo de seu ser os estados da Natureza. Neste ponto percebe-se muito bem o porquê, de apesar de Rousseau ser um pensador tido, na maioria das vezes como iluminista conjugar-se muito bem com o já citado *Sturm und Drang*.

Ainda, é notório o quanto algumas propostas sobre a sociedade evidenciadas por Rousseau ainda levantam discussões (acadêmicas ou não). Ainda que seja muito importante para algumas ciências esta discussão seria de grande valia se junto com a apresentação de tais concepções visse também uma explicação maior acerca de seu autor do que apenas o que ele produziu, mas que pudesse ser abarcado, nessas apresentações o modo como este conduziu sua vida e em certame, refletiu isso em sua obra.

Como se entender a percepção de mundo das pessoas? E quando, ainda essa personalidade vem com êxito deixar sua marca na história da humanidade – ou ao menos – ser uma grande influência – para a mudança de estruturas sociais? Rousseau nos legou uma vasta obra e muitas de suas considerações até hoje tem gerado discussões acerca do pensar a sociedade.

Porém, como entender uma obra, seu contexto sem dizer-lhe de seu criador? Há uma linha muito tênue entre quem cria e o que é criado, principalmente quando este se trata de discurso, pois como nos lembra Chartier (1990, p.17) “é necessário ligar o discurso com o grupo que os utiliza”. Logicamente, essa preposição seria uma possível forma de entender como o pensamento rousseauiano chega com tanta vivacidade até os dias atuais, entretanto nos preocupamos aqui em entender a visão de mundo de Rousseau, exposta na sua última obra. Essa perspectiva pode abrir pontes de ligação entre o Rousseau solitário ao fim de sua vida e o pensamento rousseauiano já conhecido.

Embora muito se tenha estudado sobre este filósofo, propomos neste trabalho estudar justamente essa concepção de si, autobiográfica, em um livro que não é extenso, porém, vasto em informações acerca da vida e da subjetividade do autor.

Dessa forma, articularemos os estudos pautan-

6 O *Sturm und Drang* (Tempestade e Ímpeto) ou movimento pré-romântico alemão tendia a negar a racionalidade do século das luzes e de seus pensadores, entretanto Rousseau vai além de ser simplesmente um pensador iluminista ao influenciar os pensadores pré-românticos alemães, visto que para esse gênero literário a natureza aparecia na linha de conflito entre o mundo externo e interno e também pelo forte apego desses a pureza e inocência de sentimentos demonstrada pelas crianças. Desse modo os *Sturm* viam no apego a natureza de Rousseau, através do religamento do ser humano a natureza e da bondade natural do homem colocado em jogo na obra do *Contrato Social* e a forma nova de situar as crianças como seres diferentes dos homens adultos (Emílio) e a negação ao artificialismo das relações sociais configuraram-se como as principais dessas influências. Ainda no seio das aspirações dos pré-românticos alemães inseria-se a valorização de um sentimento patrio (muito embora ainda não como Alemanha), que vivifica-se a identidade de seu povo.

do-nos na nos “Devaneios” e articulando momentos dessa obra com demais obras de Rousseau, de forma a enriquecer a pesquisa. Entretanto o objeto específico de estudo são os devaneios de Rousseau, que, apesar de uma obra com poucas páginas que se dividem em dez textos revela muito sobre o autor e sobre o que ele deixa transparecer sobre si, extrapolando o modo como escreveu seus livros “teóricos”, e revelando um pouco do que ele, quiçá, deixou de si em suas outras obras.

De todo modo será necessário recorrer aos demais livros de Rousseau (ou de estudos referentes a eles), para contextualizar o que esta dito por ele acerca de si. Uma dessas obras e que se aproxima muito da obra em questão como já citado em momento anterior do texto são as suas *Confissões*. Importante nesse estudo é ter a clareza de que Rousseau, ao escrevê-las praticamente tornou-se precursor na modernidade desse gênero de escrita como demonstram os estudos desenvolvidos por José Oscar de Almeida Marquez que diz:

Se as *Confissões* foram friamente recebidas nos meios filosóficos, sua acolhida no meio literários não poderia ter sido mais calorosa. Sozinhas, inauguraram um gênero para o qual se quer havia nome na época de Rousseau, já que o termo “autobiografia” só entrou em circulação no início do século XIX, exatamente na esteira do grande número de obras escritas sob sua influência (MARQUES, 2007, p. 156).

Tal afirmação pode ser constata também na obra de Alberti:

A sintonia entre a autobiografia e o “sujeito moderno” é confirmada pelo marco inicial a que se costuma atribuir o “nascimento” da autobiografia: as *Confissões* de Rousseau, texto no qual, pela primeira vez, o eu se fala intimamente e se põe nu, a disposição do julgamento dos leitores (1991, p.73).

Muito embora esta seja perceptivelmente a intencionalidade de Rousseau, muito bem expressa nas páginas iniciais de suas *Confissões* a afirmação de Alberti faz relação ao modo como passaram-se a escrever sobre si, baseados em Rousseau posteriormente ao lançamento (póstumo) dessa obra.

Esta visão do “eu” de Rousseau é muito bem explorada pela hábil colocação de Larrosa apud Scholze sobre as *Confissões*, percebendo-se bem, a importância do dizer sobre si, e do uso a linguagem do “eu” carregada de expressividade e afirmação do que sou e do que fui e dessa forma:

A linguagem como condição necessária do eu, e não somente expressão, meio, instrumento ou veículo de um hipotético eu substancial: o eu não é o que

existe por trás da linguagem, mas é o que existe na linguagem (LARROSA, apud SCHOLZE, 2006, p.).

Muito embora este estudo gire em evidenciar a escrita de si sobre Rousseau em outra obra, este lembra muito bem na obra *Os Devaneios do Caminhante Solitário* a sua ligação com as *Confissões*, como já citado em momento anterior do texto.

Entretanto, nossa problemática está em desvendar a escrita de si, feita por Rousseau nesse seu apêndice autobiográfico de as *Confissões*, e de tal modo deveremos prestar muita atenção nas questões relativas ao entendimento deste relato, comparando-o com outras escritas do mesmo autor, de forma a constituir uma base sólida para a resolução do problema apresentado, pois como nos lembra Bordieu:

Sem dúvida, cabe supor que o relato autobiográfico se baseia sempre, ou pelo menos em parte, na preocupação de dar sentido, de tomar razoável, de extrair uma lógica ao mesmo tempo retrospectiva e prospectiva, uma consistência e uma constância, estabelecendo relações inteligíveis, como a do efeito à causa eficiente ou final, entre os estados sucessivos, assim constituídos em etapas de um desenvolvimento necessário (BORDIEU, s/d,p.184).

Com a intencionalidade de escrever sobre seu passado, já transformado em presente, principalmente pelo fato de que a memória é acessada sempre de forma diferente do acontecido, pois a acessamos no agora sobre fatos já ocorridos, podemos nos pautar em Scholze (2006) e afirmar que “a busca pelo passado é uma das formas de o indivíduo entender a construção de sua identidade, ainda que ela esteja sempre vinculada ao nosso olhar atual”. Entretanto, o modo como nos averiguamos e nos descrevemos no presente é que dará a ênfase do que pretendemos demonstrar de nós. Lembramos também que essa distância entre o ocorrido e o narrado pode fazer com que o escritor de uma autobiografia “pode ‘imaginar-se’ outro de si mesmo” (Alberti, 1991, p.77).

Para tanto pretendemos evidenciar nesta, através da escrita de si, no texto de Rousseau, o modo como este, através da linguagem, reflete sobre si e traduz sua relação com o mundo.

Jean Jaques Rousseau é sem sombra de dúvidas uma das personalidades à que se destinam inúmeros estudos. Tal afirmação acarreta em muito o peso de mais um trabalho acerca deste ícone. Seus pensamentos, como é sabido, influenciaram a Revolução Francesa, principalmente pela obra “Do Contrato Social”.

O pensamento de Rousseau foi precursor dos chamados direitos fundamentais, ou primários, em

função dos quais decorrem todos os outros. Deles podem-se enumerar o direito à vida, ao nascer livre e igual, ao direito de propriedade, de liberdade e de segurança, independentes de qualquer fato ou circunstância histórica (Vieira, 2011, p.125).

Pela influência notória que Rousseau legou a modernidade consideramos importante estudar a percepção de Rousseau acerca de si, ou do que tentou deixar para a posterioridade sobre sua imagem, trabalhando com a obra acima mencionada, justamente porque ele faz um reflexo de momentos nos últimos anos de sua vida, o que se torna relevante, sendo, quase uma averiguação do está vivendo naquele momento em contrapartida do que já viveu.

Percebe-se, durante a obra, que Rousseau sente-se perseguido pela sociedade, e por esse motivo isola-se do mundo, buscando na solidão das caminhadas ao redor de Paris um sentido para a vida. O sentimento de solidão é facilmente percebido já na primeira frase do livro: “Eis-me, portanto, sozinho sobre a terra, sem outro irmão próximo, amigo ou companhia que a mim mesmo” (Rousseau, 2008, p.7). Lembra-nos o tradutor da obra em nota no livro, que esse portanto da citação acima nos dá a entender que os escritos desta obra são “considerados por ele a conclusão de sua obra e de sua vida” (ibidem).

Desse modo, estudar Rousseau é extremamente pertinente, uma vez que por várias vezes nos vemos diante de muitas de suas preposições filosóficas, que são de grande influência ao pensamento ocidental moderno. Porém, analisar a escrita de si em Rousseau, em uma obra autobiográfica, quiçá possa ampliar a noção do pensamento de Rousseau, desvendando olhares sobre a percepção de mundo que este tinha, ao propor seus tratados filosóficos.

Assim, é relevante estudar tal tema, pois, além de desvendar a interpretação que Rousseau fazia de si, pode nos revelar muito dos porquês de sua vasta obra. Deste modo é necessário entender o momento histórico em que a obra é escrita relacionando a percepção de Rousseau para com o mundo, além de relacionar a auto percepção acerca de si na obra estudada, com momentos de outras obras do mesmo autor. Tudo isso, certamente acarretará em contribuições para os estudos acerca da “Escrita de Si” e sobre o pensamento de Rousseau.

Abordaremos a questão da escrita de si no último livro de Rousseau de forma articulada com leituras dos demais escritos do autor, visto que pesquisa desenvolvida aqui, é basicamente bibliográfica, e sua metodologia tange o aprofundamento sobre a questão teórica da escrita de si e seu reconhecimento

dentro da obra de Rousseau. De tal modo, trabalharemos para elaboração deste texto com fontes bibliográficas, elencando outros autores que abordem Rousseau – principalmente que tecem análises sobre a autobiografia rousseauiana – para evidenciar a percepção tida por ele de si mesmo.

CONTEXTUALIZANDO ROUSSEAU A PARTIR DE SI MESMO

Jean-Jacques Rousseau nasceu em Genebra em 28 de junho de 1712. Por complicações no parto sua mãe veio a falecer ainda quando do nascimento de Jean, que vinha ao mundo fraco e doentio. O sentimento de culpa pela perda de sua mãe o acompanha desde a infância, pois como Rousseau escreve em suas *Confissões* indica tal sentimento ao dizer, “meu nascimento custou a vida de minha mãe e foi a primeira de minhas infelicidades” (Rousseau, 2009, p.23).

Logo na infância Rousseau desenvolve seu gosto pela leitura, e com seu pai, inicia-se no mundo da literatura através da coleção de livros deixada por sua mãe, passando após a leitura de tais obras a dedicar-se ainda na infância a ler as obras que seu avô materno possuía. Os romances que sua mãe possuía lhe marcaram consideravelmente dando à ele uma visão “profundamente dramática das relações humanas” (Chauí, 1997, p.02), sendo que, pela sua pouca idade, o próprio acrescenta, “não formava nenhuma ideia sobre as coisas, e já todos os sentimentos me eram conhecidos” (Rousseau, 2009, p.24). Essa frase de Rousseau assinala bem a influência que estas leituras tiveram sobre a sua formação pessoal.

Em 1721 o irmão mais velho de Rousseau desapareceu, e no ano seguinte Rousseau é afastado do convívio de seu pai, que após uma briga sai de Genebra para não ser preso e confia Jean-Jacques aos cuidados de seu tio Bernard. Neste período Rousseau é direcionado a estudar, juntamente com seu primo, em Bossey, sob supervisão do ministro Lambacier, somente retornando a Genebra em 1724. Durante a estada em Bossey é que Rousseau dá início a sua inclinação de afeto pela natureza. “O campo era coisa tão nova para mim que não podia deixar de gozá-lo. Tomei por ele um amor tão forte que nunca pôde extinguir-se” (Rousseau, 2009, p.28).

No período em que retorna a casa de seu tio em Genebra Rousseau, aprende desenho com seu primo que passa a dedicar-se a engenharia, e arranja trabalho junto a um escrivão e posteriormente a um gravador

enquanto seu encaminhamento ainda não lhe era dado pelos seus tutores, de quem Rousseau comenta:

Meu tio, homem dado a prazeres, assim como meu pai, não sabia, como este deixa-se prender pelos deveses e pouco se importava conosco. Minha tia era uma devota um tanto pietista que preferia cantar os salmos e velar por nossa educação (ROUSSEAU, 2009, p.39).

Durante os anos que seguem trabalha junto a um escrivão e posteriormente a um gravador. Despedido do primeiro trabalho, segundo Rousseau “ignominiosamente por causa de minha inépcia” (Rousseau, 2009, p.44), entristecesse com seu segundo emprego devido ao caráter de seu empregador, sendo este “um homenzinho grosso e violento” (Ibidem). É deste período que datam seus envolvimentos com Mlle. Goton e Mlle. de Vulson, as quais Rousseau entregava-se “inteiramente [...], e tão perfeitamente que, quando com uma, jamais me acontecia de pensar na outra” (Rousseau, 2009, p.42).

Acostumado a caminhar aos arredores da cidade por duas vezes chegando após o fechamento dos portões da cidade sofrendo severas punições por isso, ao passo que pelo seu terceiro atraso, Rousseau decide não mais voltar para casa. “A independência que julgava ter ganho era a única coisa que guardava comigo” (idem, p.57).

Partia animado pelos mais belos sonhos. Livre e senhor de si mesmo acreditava poder fazer tudo o que quisesse. Entrava com a maior segurança do mundo, onde julgava encontrar festins, tesouros, aventuras, amigos e amantes (CHAUÍ, 1997, p.08).

Não foi exatamente como Rousseau imaginava que seria, e ao sentir as necessidades vitais próximas, procurando auxílio com o Senhor de Pontverre “que se dedicava a tarefa de reconduzir ao seio da Igreja Romana os jovens calvinistas de Genebra” (Chauí, 1997, p.08), que o encaminha aos cuidados da Senhora de Warens, período ao qual Rousseau afirma em suas *Confissões* ser a época de sua vida

que determinou seu caráter (2009, p.60). Encantado pela beleza da Senhora de Warens, tendo esta apenas 28 anos, diferente do Jean-Jacques havia imaginado sobre a mesma, este converte-se, afirmando que uma religião pregada por uma pessoa tão bela “não podia deixar de ir dar no paraíso” (Rousseau, 2009, p.61). Uma afirmação que denuncia o sentimento que este passa a desenvolver por ela e que o mesmo descreve como diferente dos demais e que se seguem em vários momentos de suas *Confissões* com referências a beleza da Senhorita de Warens.

Durante os anos que seguem passa por Annecy, Lyon, Fribourg, Lausanne, Neuchâtel, Berna e Soleure⁷. É desse período que se dedica as atividades de copista, trabalhando nisto, “copiando música durante todo o tempo e que não estava comendo” e desenvolve estudos em música (Rousseau, 2009, p.170)⁸. Posteriormente passa a apresentar-se como professor de tal. Torna-se preceptor aproveitando a experiência e “acumulando conhecimentos para a futura grande obra pedagógica que seria o Emilio” (Chauí, 1997, p.09). Porém, o que nos diz ele a respeito dessa atividade, em alguns momentos nos parece engraçado e nos aponta, embora um grande teórico da educação – por conta justamente de Emilio – um tanto despreparado para esta atuação na época em que, por necessidade a fez.

Quase possuía todos os conhecimentos necessários para um preceptor e julgava que tinha jeito para isso [...] Enquanto tudo ia bem eu via a compensação de meus cuidados e trabalhos, não me maldizia: era um anjo; mas era um diabo quando as coisas se saíam às avessas. Quando os alunos não me entendiam, ficava zonzo, e, se percebia que era por perversidade, tinha vontade de matá-los: o que não era o meio de torná-los mais prudentes ou sábios (Rousseau, 2009, p. 258).

Os anos de 1741 a 1747, descritos em sua VII caminhada em *Confissões*, narram sua chegada a Paris, a apresentação de seus estudos musicais sobre um novo sistema de notação e uma ópera que seria apresentada, mas que atrai pouca atenção. Durante

7 Embora, alguns nomes dos locais que Rousseau passou são escritos com alguma diferença nas suas *Confissões* e na Cronologia que acompanha *Os Devaneios do Solitário*, optei por deixar com a grafia tida na cronologia.

8 Sua ligação com a música se deu de maneira tão forte que Rousseau escreve em suas *Confissões* algo que é muito próximo do que na atualidade, constantemente se vê nas biografias e entrevistas de músicos contemporâneos, na qual ele nos diz “absorvido inteiramente pela música, achava-me em situação de não pensar em outra coisa”. Não mais ia ao escritório senão a contragosto; o constrangimento e a assiduidade ao trabalho tornaram-se um suplício insuportável e finalmente acabei querendo deixar o emprego e entregar-me completamente à música (ROUSSEAU, 2009, p.186).

9 Embora Thérèse o tenha acompanhado Rousseau e tenha tido filhos com o mesmo, estes dois nunca casaram-se. Rousseau diz em uma passagens das *Confissões*: “vivia com minha Thérèse de modo tão agradável como se fosse com o mais belo gênio do universo” (2009, p.315), entretanto, aí falar do casamento de Diderot honrando a promessa feita a sua respectiva noiva, Rousseau comenta: “quanto a mim, que nada tinha prometido de semelhante, não quis tratar de imitá-lo” (2009, p.328). Ainda se pode perceber o fato de não ter-se casado quando retrata nos *Devaneios do Caminhante Solitário* sobre a interrogação de uma jovem se ele havia tido filhos, a qual Rousseau afirma não ter tido tempo suficiente para pensar em uma resposta que não o comprometessem, visto que tratando do rompimento com seus filhos, este “sempre se preocupou em encontrar justificativas” (Chauí, 1997, p.09), onde Rousseau considera que deveria ter dito: “Eis uma pergunta pouco discreta da parte de uma jovem senhora a um homem que envelheceu sozinho” (2008, p.55).

esses anos também acontece a aproximação com Condillac e com Diderot. Ainda, em 1745 conhece a mulher que o acompanharia⁹ até sua morte, Thérèse Levasseur, com a qual teria, um ano após a aproximação seu primeiro filho, entregue ao orfanato por Rousseau se considerar “pobre e doente” (Chauí, 1997, p.09). O mesmo viria acontecer com os outros quatro filhos que o casal teve junto.

Citamos aqui uma passagem breve sobre o abando de seus cinco filhos e as considerações que Rousseau faz a respeito disso:

...ao entregar meus filhos à educação pública, por não poder educá-los eu mesmo, destinando-os a ser operários e camponeses em vez de aventureiros ou cavalheiros da indústria, julguei agir como cidadão e como pai, e considerava-me como um membro da república de Platão. Mais que uma vez, desde então, os gemidos de meu coração em disseram que me havia enganado; mas longe de minha razão dizer o mesmo, frequentemente bendisse o céu por tê-los resguardado desse modo do destino do pai e daquele que os ameaça quando me visse obrigado a abandoná-los (ROUSSEAU, 2009, p.339).

Pode-se considerar, através dessa citação que o posicionamento de Rousseau em relação ao fato, deva remeter, primeiramente as questões sentimentais, e só por conseguinte a sua razão, visto que quando este fala que se viria obrigado a abandoná-los – tal com fez seu pai – ele certamente está se referindo ao período de sua vida em que, por diversas vezes exilou-se por sofrer acusações públicas sobre suas obras.

Os anos de 1748 a 1755 são produtivos à Rousseau, que escreve artigos sobre música e é premiado no concurso da Academia de Dijon com o *Discurso sobre as ciências e as artes*, e pública também o *Discurso sobre a desigualdade entre os homens* em 1755, para outro concurso da Academia de Dijon, obra que, apesar de ser bem recebida por seu amigo Diderot, não causou grandes resultados e que “só encontrou em toda Europa pequeno número de

leitores que a entenderam, e nenhum que quisesse falar dela” (Rousseau, 2009, p. 370).

Em 1756, com a mudança para o Ermitage¹⁰ inicia os trabalhos com o romance *Nova Eloísa*, que será publicado em Paris somente em 1761 sendo muito bem recebida. Nos anos entre a iniciação dos trabalhos com esta obra e sua publicação, Rousseau rompe sua amizade com Grimm, opõe-se a ideia de D'Alembert e de Voltaire sobre a instalação de um teatro em Genebra, publicando a *Carta sobre os espetáculos*, além de suas, talvez, mais relevantes obras, *Emílio* e o *Contrato Social*, que seriam publicadas no ano seguinte.

Essas duas obras renderam a Rousseau o afastamento da sociedade francesa, visto que a ambas as obras foram consideradas ofensivas ao Estado e ao Clero (Rocha/ Kretzer/ Klozovski, 2011, p.167). Ordenada a prisão de Rousseau foge para a Suíça. Nas Confissões ele escreve “entrando em território de Berna, mandei parar; descii, prosternei-me, abracei, beijei a terra e exclamei transportado: Céu protetor da virtude, eu te louvo! Toco uma terra de liberdade!” (2209,p.553). Na Suíça, precisamente a localidade de Neuchâtel, ele ficaria até 1765, partindo para a ilha de Saint-Pierre¹¹ depois de ter sua casa a pedradas por protestantes¹² (Chauí, 1997, p.11). O início de suas Confissões data de sua estadia na Suíça.

No início de 1766, Rousseau, a convite refugia-se na Inglaterra a convite do filósofo Hume retornando à França em 1767, após ter tido desavenças com este, por ter encontrado um folheto que zombava de sua condição. Por imaginação¹³, Rousseau acredita que Hume fizesse parte da escrita de tal. Neste mesmo ano dá início das vendas ao seu *Dicionário de Música*, à que ele diz ter sido uma obra que possuía “como objetivo o lado pecuniário” (2009, p.486).

Entre os anos que seguem Rousseau dedica-se as atividades de copista e estudioso de música e aos estudos de botânica e viria a escrever *Os Devaneios do Caminhante Solitário*, obra que “contém descrições

¹⁰ Local onde se situava uma casa emprestada a Rousseau pela Sra d'Epinay próximo a floresta Montmorency. A casa foi emprestada a Rousseau pela Sra Louise d'Epinay, (1726-1786) que, observando a obra Emílio e a falha que o autor tinha deixado em relação a educação sobre a educação das mulheres, publicou em 1776 a obra “Les Conversations d'Emilie”, apontando caminhos diferentes aos rousseauianos para educação feminina Pinheri, 2009). A amizade entre os dois é rompida em 1757. Esse período é troca de cartas e conversações com a Sra. D'Epinay aparecem com bastante ênfase durante os livros IX e X de suas Confissões.

¹¹ Há descrições a respeito do breve tempo em que passou nesta ilha na quinta caminhada de *Os devaneios do Caminhante Solitário*.

¹² Há uma nota de rodapé na obra Os Devaneios (2008, p.63), que cita que este ataque feitos pelos protestantes aconteceu depois de um sermão feito pelo pastor de Môtiers, ligando Rousseau ao Anticristo.

¹³ Tal questão é levantada na obra de Chauí (1997) como um transtorno ou mania de perseguição. Uma afirmativa sobre isso deve ser a necessidade que Rousseau têm sobre explicar os atos de sua vida em suas obras escritas no fim da vida, nas quais dâ enfase a esses sintomas, percebendo-se por várias vezes as citações deste sobre os olhares que a sociedade lançava sobre ele, segundo suas descrições. Uma das cenas que bem expõe isso é quando em suas Confissões (2009, p.386), diz o ataque a suas obras era pretexto para atacar seu autor, salientando: “queriam pôr Jean-Jacques a perder”. Também, as leituras públicas que Rousseau passa a fazerem 1769 de suas Confissões (Chauí, 2009, p.11), e por sua tentativa de depositar este manuscrito em sua defesa no coro de Notre-Dame. (Rousseau, 2008, p.139).

de natureza e dos sentimentos humanos feitas com admirável suavidade e beleza" (Chauí, 1997, p.11).

No dia 2 de julho de 1778 Rousseau deixou seus últimos sentimentos expostos nos "Devaneios". Conhecedor do destino que não tardaria, faz dessa escrita o encerramento de sua obra. Entretanto, podemos dizer que Rousseau deixa seus escritos inacabados e isso reflete diretamente na condição que este cria para si. Por analogia, ao deixar sua obra sem término deixa um espaço de sua vida aberto a novas interpretações, preferencialmente distintas das forjadas por seus contemporâneos acerca de si.

O QUE DE SI AO PORVIR

Rousseau se sabia parte interessante da sociedade, bem como tinha ciência de que, além de 60 anos precisaria deixar algo escrito que revelasse além de seus ideais, o homem que estava por detrás da trama de seus pensamentos.

De certo porque, além de se debruçar sobre o mundo com o intento de estudá-lo vorazmente, Rousseau também olhou a si próprio, e produziu obras autobiográficas, nas quais se pintou em matizes que fundem a pessoa pública e a privada (Rossi, 2008, p.103).

É perceptível a vontade de explicar-se diante da sociedade dentre suas últimas obras três delas tratam de si mesmo, *Confissões*, *Diálogos de Rousseau – Juiz de Jean-Jacques*, e a obra em questão desse estudo. Lendo suas obras vê-se claramente a ânsia de posicionar-se frente ao mundo, não por falar o que de fato ocorreu, mas o como sua percepção foi capaz de apreender o ocorrido, como sua vida, sob sua análise, foi vivida.

Vários autores defendem a tese de que Rousseau escrevia para explicar seu os fatos ocorridos sobre seu passado, numa tentativa de explicar-se diante da sociedade. Nesta linha, utilizaremos dois que foram aporte para a pesquisa que aqui é apresentada, Pedro Galas (2011, p. 15), diz que Rousseau escreve para "purgar certa culpa pelo passado" e que "a intenção de Rousseau é o reconhecimento social". Também, nesta mesma linha Beatriz Cerizara (1983, p. 145), nos diz que nas obras em que Rousseau expõe sua vida, este mantém uma "preocupação em explicar-se frente a seus contemporâneos, mostrando a sua versão dos fatos ocorridos no transcorrer de sua tumultuada vida".

Suas memórias, por meio da introspecção são

avivadas e deixadas no papel, e portanto, por mais firme que pareçam suas considerações em insistir na necessidade de escrever para rememorar sua própria vida, fica claro pela leitura da obra que esta serviria também para que outros pudessem ter acesso ao seu autojulgamento. Portanto "o leitor futuro, leitor improvável, mas único possível, é doravante a única esperança de fazer um dia renascer a certeza de uma inocência que, de si mesma, tinha apenas uma certeza incerta" (Prado Jr. Apud . Salvadori, 2011, p.59).

Assim, vendo que a busca do autor é por sua própria essência, ela é dada pelo rompimento com o externo, pois Rousseau neste momento, afastado da sociedade, muitas vezes pela vontade própria se lança a investigar o seu próprio interior. Mas, se a busca é feita e registrada, é justamente por que, para ele é fundamental que se possa ter acesso a isso no futuro e assim, Rousseau nos dá à prova cabal de que ele escreve de si deixando para ser lido.

Mesmo que tenha afirmado que escreve de si para si, em total soli-dão, a partir do momento em que se localiza nas folhas de papel, e apropria-se do discurso, os outros passam a o acompanhar (Rossi, 2008, p.109).

O modo que se faz para se apresentar é extraído de si pela introspecção, que configura como fator fundamental de sua autoanálise. Deste modo, seu afastamento da sociedade da época contribui consideravelmente para que ele possa encontrar-se em si.

O início da obra já deixa clara essa ideia que percorrerá o livro todo. "Eis-me, portanto, sozinho sobre a terra, sem outro irmão próximo, amigo ou companhia que a mim mesmo. O mais sociável e o mais afetuoso dos humanos dela foi proscrito por um acordo unânime" (Rousseau, 2008, p.7).

Essa citação demonstra de forma clara a imagem que o autor tende a desenvolver sobre si durante o restante do livro. A nota da tradutora da obra nos diz que ao empregar a palavra "portanto" no início da frase, Rousseau tem a consciência de que esta será sua última obra e por assim, a conclusão de sua obra e de sua vida (ibidem).

Podemos nos certificar desta passagem nas linhas que seguem, em que Jean-Jacques, dizendo-se afastado da vida social se pergunta: "Mas e eu mesmo, afastado deles e de tudo, o que sou eu? Eis o que me resta buscar. Por infelicidade, essa deve ser precedida de um exame sobre minha condição. É algo que necessito passar para chegar deles a mim" (Rousseau, 2008, p.7).

Podemos dizer que havia em Rousseau uma necessidade visível e constante de criar uma figura sua para quem se dedicasse a leitura das suas últimas obras. Nestas obras ele constrói uma autoimagem que se consolidaria como a essência rousseauiana, não das obras e das ideias, mas do homem que levou essas ideias à tona, uma imagem que agregada ao restante de sua obra a justificaria. Outrossim, a busca de Rousseau é pela própria identidade, é o que dele esta guardado em si mesmo e que pode diferenciar-se de quem lê, pois o “eu” de Rousseau rebusca as memórias de sua vida, pela própria subjetividade e ponto de vista, enquanto o leitor dos “Devaneios” encontrará esta síntese selada pelo autor, e o verá a partir do que este deixou a ser apreendido.

Especificamente, nesta última obra Rousseau escreve sobre sua vida, mas de uma maneira diferente do que o faz nas “Confissões” os “Devaneios” fogem a regra cronológica e mesclam momentos distintos da vida do autor, é o momento, a caminhada a lembrança aflorada por uma percepção tida no caminho. Muito embora essa desobediência cronológica dos fatos passados em sua vida, o autor não se abstrai na necessidade de construção de si a partir da memória. A articulação entre o passado e presente é que geram o ser que narra os sentidos de sua vida. É uma obra tanto mais suave e serena, que mostra a quem a lê por vezes um Rousseau tranquilo e certo de seu passado e destino, em outros momentos um autor controverso quanto aos próprios sentimentos e vontade, mas que cativa e convence pela escrita apaixonada com que tece a obra.

Observei, nas vicissitudes de uma longa vida, que as épocas dos deleites mais doces e dos prazeres mais vivos não são, porém, as épocas cuja lembrança mais me atrai e toca. Esses breves momentos de delírio e de paixão, por mais vivos que possam ser, não passam, no entanto, por sua própria vivacidade, de pontos bastante dispersos na linha da vida. Eles são raros e rápidos demais para constituírem um estado, e a felicidade que meu coração sente falta não é composta de instantes fugidios, mas de um estado simples e permanente, que nada tem de intenso em si, mas cuja duração aumenta o encanto a ponto de nele por fim encontrar a suprema felicidade (ROUSSEAU, 2008, p.69).

Esse sentimento percorre todo o livro mostrando uma das facetas que Rousseau cria para si.

De tal forma ao abordar alguns temas pertinentes do texto o faremos a fim de conseguir dar uma visão geral sobre a percepção rousseauiana de si mesmo e do que com estas obras legaria de si a

posterioridade, principalmente nos baseando sobre a obra principal deste estudo.

Nesta busca pela imagem de Rousseau acerca de si mesmo acabamos encontrando para nós um Rousseau que se desenha como quer ser visto e lembrado. A construção do *eu* externo é dada tanto pela busca do autor a si, quando pela forma que receber esta informação quem acaba se deparando com o que produziu este autor. De certa forma podemos nos valer de que o ‘sujeito que narra a si mesmo busca, fundamentalmente, dar sentido à própria existência, fixar sua identidade e garantir sua permanência. Escrever é, portanto, “conferir significado à própria vida” (Galas, 2011, p.10).

No caso específico desta obra há uma vida que conscientemente se sabe estar chegando ao fim. Por várias vezes, ao deleitar belas lembranças ou citar tristes passagens faz reflexões ao fim da vida como a que segue, rememorando tempos de solidão e alegria ao qual pronunciava-se feliz: “Libertado de todas as paixões terrenas que a vida social produz, minha alma várias vezes se lançaria acima dessa atmosfera e se ligaria, antes da hora, as inteligências celestes a cujo número espera somar-se em pouco tempo” (Rousseau, 2008, p.72).

O final desta passagem deixa claro que o autor não mente para si neste aspecto e sabe de sua idade e condição, e, portanto, põe a vida nas linhas desta obra, que é mais do escrever para deixar ao porvir ou simplesmente escrever para lembrar, mas escrever como justificação do ser.

Ainda, várias vezes na obra Rousseau fala da morte, em alguns momentos dando a impressão de que isso se faz pela consciência de sua idade, em outros ele fala dela como se, depois, fosse preciso prestar contas de quem é. As afirmações que remetem a morte vêm sempre permeadas de uma frustração terrena sobre os rumos que sua vida tomou.

Fui feito para viver, e morro sem ter vivido. Pelo menos não por culpa minha, e levei ao criador de meu ser, se não a oferenda das boas obras que não me deixaram fazer, pelo menos um tributo de boas intenções frustradas, de sentimentos sadios tornado inócuos e de uma paciência à prova dos desprezos dos homens (Rousseau, 2008, p.19).

Nesse trecho transparece a indignação que o autor aponta durante toda a obra sobre sua situação com seus contemporâneos, e também remete a abertura das “Confissões”, quando diz, “que a trombeta do juízo final soe quando bem entender; eu virei com este livro na mão, apresentar-me diante do juiz supremo” (Rousseau, 2011, p.21).

Em ambas as passagens ficam implícitas, mas caradas sobre a de religiosidade o real sentido de escrever-se, deixar para o futuro o que de fato deseja que dele saibam, ou como deseja ser visto.

Posteriormente as severas retaliações que sua obra sofreu em 1762 tendo sido “O Emilio” condenado em Paris, Genebra e Sorbonne e de ser considerado *Persona non grata* em Berna, (Santos, 2012, p. 104), Rousseau, ao escrever seus “Devaneios” ainda sente o peso de tais acusações e o impacto que isso teve as pessoas de sua época, sobretudo pela imagem que construíram dele a partir desses escândalos. Escrever sobre sua vida tornar-se-ia um refúgio bem vindo, para apresentar-se de forma diferente do que ele imaginava que seus contemporâneos o apresentariam.

Ao ter consciência que os textos dos “Devaneios” serão os últimos escritos de si, Rousseau entende que o julgamento será feito pelos que lerem sua obra, a partir do que este se apresenta. Isso transmite uma ideia de defesa, frente justamente a imagem que poderia ser construída pelos que considera opressores de sua obra e pela já mencionada mania de perseguição da qual este é acometido.

Outro momento que pode ser somado a esta passagem é visto em outro ponto da obra, quando Rousseau escreve:

Entramos em cena no nascimento, dela saímos na morte. De que adianta aprender a conduzir seu carro quando se está no fim da corrida? Só resta pensar como sair dela. O estudo de um velho, se ainda tem algum a fazer, é apenas aprender a morrer, e é justamente o que menos se faz na minha idade; se pensa em tudo, menos nisso. Todos os velhos tem mais apego a vida do que as crianças e saem dela com mais má vontade que os jovens. Como todas as suas obras foram feitas para esta vida, vêm ao seu fim que trabalharam em vão. Todos os seus esforços, todos os seus bens, todos os frutos de suas laboriosas vigílias, tudo é deixado quando partem. Não pensaram em adquirir algo na vida que pudesse ser levado na morte (Rousseau, 2008, p.28).

Essa passagem justifica o mencionado anteriormente acerca do conhecimento de sua idade e condição. Ele evidencia no momento que antecede esta passagem que de nada vale aprender algo a mais neste momento se isso não lhe terá utilidade no futuro. Por ter ciência de sua condição, e por imaginariamente aumentar o sentido de perseguição da sociedade contra si mesmo, tende a acrescentar que é hora de relatar-se de modo a deixar sua imagem gravada nas linhas de seus últimos escritos, tendo consciência de que a morte não tardará para ele.

E continua:

Este seria o momento de enriquecer e ornamentar minha com bens que ela possa levar consigo quando, libertada desse corpo que a ofusca e cega e vendo a verdade sem véus, perceberá a miséria de todos os conhecimentos de que nossos falsos sábios se orgulham tanto. Ela chorará pelos momentos perdidos nessa vida tentando adquiri-los. Mas a paciência, a doçura, a integridade, a justiça imparcial são bens que levamos conosco e com os quais podemos nos enriquecer sempre, sem temer que a própria morte diminua nosso valor. É a este único e útil estudo que consagro o restante de minha velhice. Ficarei feliz se, com os progressos sobre mim mesmo, aprender a sair da vida, não melhor, pois isto não é possível, porém mais virtuoso do que nela entrei (Rousseau, 2008, p.42).

Logicamente tem uma nova ligação aqui com a religiosidade e o pensamento humano sobre o que há depois da morte, mas estas citações também podem ser interpretadas em seus contextos como, o que deixamos de nós quando morremos? Se lida neste sentido, mais uma vez a aproximação de Rousseau com a morte o faz querer mais deixar um sentido de sua vida aos próximos, um desenho de sua personalidade à quem virá. Mas, contudo Rousseau retoma seu pensamento logo a frente dizendo das qualidades que tentará ainda aumentar em sua vida a fim de quando partir dela, ter algo para levar. Levar com sua alma, ou também deixar como valia aos que o conhecerão por meio das leituras de si. Assim podemos concordar com Salvadori (2011, p. 59-60) quando este escreve que:

Rousseau tem como única esperança o seu julgamento sobre si mesmo. Ele estará presente de leitura de seus atos passados. Ele comprovará sua inocência, da qual ele sempre foi convicto, mas que demanda de um registro verdadeiro da plenitude que alcançará um dia, comungada às justificativas de suas ações mais ofuscadas pelos obstáculos de ordem social.

Mas se Rousseau sabe da importância de deixar-se ao porvir, de que modo descreve suas características e como e qual autoimagem ele constrói nos Devaneios?

Rousseau se sabia parte interessante da sociedade, tinha esse entendimento de si, com a acessão de seus primeiros escritos tinha consciência de tivera um rosto e um pensamento conhecido. Ainda, as retaliações que este sofreu foram capazes de aumentar o conhecimento acerca deste pela sociedade. Se alguém sofre tais acusações certamente é porque há um interesse nos pensamentos e na figura que os expõe. Bem ou mal vindos, certamente Jean-Jacques tinha a consciência de que seus escritos seriam lidos na posterioridade, e este é o ponto que mais

o impele a deixar delineada a figura que este tinha a pretensão de ser ou ao menos figurar.

De tal modo, a auto escrita torna seu futuro próximo de ser que este queria ser no passado.

Antes de a ventura levar Rousseau a ser um escritor conhecido este vivia em contato com a natureza e segundo ele mesmo “a solidão campestre na qual passei a flor de minha juventude, o estudo dos bons livros ao qual me entregava por inteiro, reforçaram junto a ela minhas disposições naturais por sentimentos afetuoso” (Rousseau, 2008, p.30). Deste modo, a autoconstrução de uma imagem que tende pela vida simples e campestre, reforçada em vários momentos dos textos que compõem “Os Devaneios” tornaram a natureza uma metáfora para criticar a sociedade da época, uma vez que nas suas descrições de uma vida simples de contato e observação da natureza reforçam por ele as emoções suaves e alegres nas descrições, e por várias vezes esse contato se torna preferível ao contato social, ficando clara que a solidão que este busca em meio a natureza é o contraponto necessário para suas reflexões sobre a sociedade percebida por Rousseau. A retomada ao contato com a natureza é evidenciada posterior à infelicidade de sua obra ter sido atacada. De forma exemplar podemos citar a “Quinta Caminhada” na qual Rousseau descreve o momento que passou na Ilha de La Motte e da aproximação que este voltou a ter com a natureza. É importante salientar que a estadia nesta ilha se dá no ano de 1762.

Deste modo, a Natureza em Rousseau configura-se como um subterfúgio a sociedade. Na obra *Do Contrato Social* fica clara visão que ele adornava da sociedade. A vivência humana em grupos estaria, para Rousseau permeada de premissas que tirariam a verdadeira liberdade dos homens, condicionando-os a serem seres sociais regados por leis que não ditavam o estado natural das coisas.

Para ele a humanidade só atingiria a verdadeira liberdade quando -voltada à natureza - se preocupasse menos com a futilidade das relações sociais e mais em satisfazer seus desejos naturais, pois para Rousseau a natureza “é o lugar da liberdade [...] do conforto enquanto a sociedade [...] é o espaço da opressão, da falsidade e do desconforto” (Santos, p.104, 2002).

Mas Rousseau não se caracteriza como o bom selvagem do Contrato Social justamente por já fazer parte de uma sociedade e ser condicionado a regras. Isso, portanto o exclui de ser o representante

da volta a natureza. Mesmo assim, suas afirmações de felicidade em contato com a natureza e a solidão campestre de que desse contato derivam, remetem piamente a ser uma justificativa convincente de que o contato com a natureza o faz melhor do que seu contato com a sociedade, tornando-o nesses momentos de solidão mais livre do que poderia ser quando condicionado ao convívio social.

Assim, os últimos anos de Rousseau, caracterizados pelo seu afastamento da sociedade, lhe renderam o pensar sobre si mesmo. A construção de sua autoimagem é feita pela forma como teve sua juventude, seu pensamento sobre a sociedade, mas, sobretudo como conduziu seus últimos anos de vida. Certamente, os fatos acontecidos por sua obra foram condicionantes para o modo como este decidiu manter sua vida na velhice. De tal modo, todo comportamento tido como inapropriado segundo sua concepção de sociedade foi fortalecido justamente pelo seu embate frente a seus contemporâneos, tendo ganhado ainda um enorme peso em suas ações.

Quanto ao convívio e todas as regras que dele derivam Rousseau diz:

[...] jamais fui de fato feito para a sociedade civil, no qual tudo é constrangimento, obrigação, dever, e que minha natureza independente sempre me tornou incapaz das submissões necessárias a quem quer viver com homens (ROUSSEAU, 2008, p.84).

A subordinação, a exploração, a hierarquia, a propriedade privada e toda e qualquer forma de regra mudaria a essência humana de liberdade. O homem para Rousseau só poderia ser de fato livre se estivesse condicionado às leis naturais apenas, de modo que a única preocupação seria satisfazer suas vontades. Entretanto no que tange a liberdade proscrita a vida social Rousseau nos diz: “Nunca acreditei que a liberdade do homem consistisse em fazer o que quisesse, mas sim em nunca fazer o que não quisesse, e esta é a liberdade que sempre reclamei, muitas vezes a preservei e pela qual escandalizei meus contemporâneos” (Rousseau, 2008, p.85).

Outro momento dos “Devaneios” que simboliza bem essa distinção entre liberdade e dever é dada pela seguinte frase que aparece na mesma Caminha que a citação acima que diz: “Vi que para fazer o bem com prazer seria preciso agir com liberdade, sem coação, e que para perder toda docura de uma boa ação bastaria que ela se tornasse um dever” (Rousseau, 2008, p.77).

Podemos dizer que a liberdade em Rousseau é

tida como um ato impulsivo e que desnecessariamente, porém não obrigatoriamente, consiste em agir pelo impulso, de forma positiva, e não por ordenação de ou-trem. Ainda, a verdadeira liberdade difere-se do que a sociedade esta é imposta, pois a liberdade dentro do Estado Civil, “nada mais é do que o respeito à Lei Civil” (Rocha, Kretzer e Klozovski 2011, p.169), e esta, no entendimento de Jean-Jacques serve apenas para regrar o ser humano com valias impostas pelos dominantes.

De tal modo a busca pela natureza, e pela liberdade que desse contato deriva, torna-se um refúgio à vida em sociedade. Esse desconforto causado pela vida em sociedade que o autor reforça durante o livro tende a afirmar ainda mais seu posicionamento frente à natureza e o que o contato com ela o causa.

O momento em que escapo ao cortejo dos maus é delicioso, e assim que me vejo sob as árvores, no meio da vegetação, creio me encontrar no paraíso terrestre e experimento um prazer interno tão intenso quanto se fosse o mais feliz dos mortais (ROUSSEAU, 2008,p.113).

Jean-Jacques vê na natureza, além de um refúgio ao convívio social que não o agrada a possibilidade de encontro com a real natureza humana, e de certa forma um encontro entre o homem e a criação, sendo neste contato que o homem torna-se o que realmente ele é. A contemplação da natureza seria como uma espécie de encontro com Deus para Rousseau.

Deste modo a natureza em Rousseau está muito próxima da visão romântica de natureza, a qual seu pensamento foi precursor. Esta visão, oposta a dominação da natureza pelo homem, fica bem clara nas páginas dos *Devaneios* e, por mais fugidia que possa parecer a aproximação que iremos tecer, ler todas as considerações acerca da contemplação e do que isso causa em Rousseau, faz entender a paixão do autor pelo bom selvagem e melhora significativamente o entendimento sobre as considerações de volta à natureza propostas em suas obras.

Portanto fica óbvio que todo esse apego pela natureza anda em consonância com sua obra¹⁴. A fixação de Rousseau pela natureza é perceptível pelas descrições do quanto a solidão campestre o atrai e dos sentimentos que contato com a natureza lhe causa.

O afastamento da sociedade, dado por um lado pela má aceitação de suas obras por alguns dos seus contemporâneos influentes, e o peso que Rousseau fez sobre isso (salientando aqui a já mencionada mania de

perseguição) ocasionou ainda mais que a aproximação com a natureza de modo a justificar o que este já defendia – que o homem seria melhor em contato com a natureza do que na convivência com os outros homens.

A figura do bom selvagem, portanto seria a do homem que viveria de acordo com as leis da natureza, satisfazendo suas necessidades em liberdade. A sociedade, pela demasia de regras tiraria do indivíduo a verdadeira conduta que este precisaria para ser realmente bom, já que ao ser condicionado a viver de acordo com regras de um grande grupo, este seria incapaz de alcançar a plena liberdade justamente por ela ser corrompida pelos mais fortes.

Também a visão rousseauiana tende a negar a visão racionalista de mundo pautada na razão divergindo da visão mecanicista já citada anteriormente. Essa aproximação do homem com a natureza se daria acima de tudo pela introspecção que o isolamento em meio à natureza é capaz de fazer surgir.

As observações e passeios em meio à natureza são desprovidos de qualquer caráter científico, apesar de sua paixão pela herborização e dessa atividade lhe tomar considerável tempo. Nesta linha de raciocínio o autor dos *Devaneios* se opõe a visão mecanicista de natureza a qual estava entregue a sua época, principalmente pelo legado que primava o entendimento da natureza como uma máquina e os proveitos que o homem poderia tirar dela deste modo.

A ontologia básica do século XVII distinguiu as qualidades “primárias” das qualidades “secundárias”. As primeiras são qualidades objetivas das coisas, no sentido de sua “realidade” não depender da existência dos seres capazes de percebê-las (capazes de ter sensação). As qualidades secundárias são subjetivas, na medida em que só se manifestam na sensação, ou seja, são os efeitos da ação das qualidades primárias das coisas sobre os nossos órgãos dos sentidos (ABRANTES,1998, p.60).

A essência da aproximação de Rousseau com a natureza não está em entendê-la, mas sim senti-la. A subjetividade acerca do perceber a vida natural e contrapô-la a sociedade cria uma espécie de preferência a primeira, uma vez que, em contato direto apenas com ela, essa passa a ser o que nosso entendimento permitir e não é cobrado nada em troca como ocorre nas relações sociais. Na visão de Rousseau o indivíduo é parte da natureza e, portanto capaz de sentir-se na verdadeira liberdade apenas em contato – sem passividade ou

14 Há uma consideração tecida por José Carlos Leopoldi apoiado na Ideia de Robert Derathé (1968) que ilustra bem essa ideia entre a obra e a vida de Rousseau: “Diga-se de passagem que a estreita correlação entre a vida e a obra de Rousseau destacado com incomum recorrência nos trabalhos de estudiosos desse filósofo e pensador político [...] De maneira muito incomum é necessário conhecer a vida de Rousseau para compreender seu trabalho” (2002, p.162).

dominação – com ela.

A meditação no recolhimento, o estudo da natureza, a contemplação do universo forçam um solitário a se erguer de maneira constante ao autor das coisas e procurar com uma dúvida inquietante a finalidade de tudo o que vê e a causa de tudo o que sente. Quando meu destino me lançou na torrente da sociedade, não encontrei mais nada que pudesse deleitar um instante meu coração (Rousseau, 2008, p.30).

A percepção de liberdade em contato direto com a natureza, sem, contudo estabelecer uma relação de atrito com esta, cria em Rousseau ainda mais uma vontade de afastamento da sociedade.

Essa percepção que ele tem da sociedade se manifesta durante toda a obra, em passagens que reforçam a afirmação da citação acima. Rousseau, acima de tudo crê que as relações sociais, por serem regadas em demasia acabam por trair a autenticidade da natureza humana. Valendo-nos do exposto por Robert Derathé podemos considerar que “que no curso de uma atormentada e memorável existência, [Rousseau] sentiu de maneira profunda a injustiça de uma sociedade baseada na desigualdade de status e na impossibilidade de nela alcançar-se a felicidade” (Derethé apud Leopoldi, 2002, p.162).

Os indivíduos deixam de lado a essência da vida para se tornarem fúteis. Para Rousseau a verdadeira felicidade humana só pode ser encontrada em contato com a natureza, sendo que o homem é parte dela, e quando tenta separar-se gera um desequilíbrio interior que o impedia de alcançar o *status de feliz*, tanto que julga seus bons momentos da vida sempre vinculados aos momentos em que mais tinha isolamento e contato com a natureza¹⁵.

Assim, é constante na obra de Rousseau (e isso certamente ficará gravada no imaginário do leitor) o afastamento da sociedade (o que o fez aproximar-se ainda mais da natureza) devido à perseguição que Rousseau diz sofrer de seus contemporâneos, pois como o mesmo comenta “meus inimigos [...] não darão maior paz a minha memória depois de minha morte do que dão à minha pessoa em vida” (2008, p.11).

A mania de perseguição a qual Rousseau está acometido nos anos finais de sua vida (Chauí, 1997, p.10-11) pode ser uma justificativa considerável para este trancafiar-se em si mesmo procurando desvelar o que é. Essa seria uma justificativa ao fato de escrever tanto sobre a sua própria vida.

Para Rousseau, a visão que seus contemporâneos tinham dele não era de fato o que ele cogitava ser, mas era em suma, uma visão que atendia apenas aos interesses de quem o julgava:

Quanto a mim, que me vejam se puderem, tato melhor, mas isso lhes é impossível; sempre verão em meu lugar o Jean-Jacques que criaram para si mesmos, e segundo seus corações, para odiá-lo à vontade. Cometeria um erro, portanto, ao sofrer pela maneira como me vêem: não devo ter um interesse verdadeiro por isso, pois não sou eu que vêm assim (Rousseau, 2008, p.84).

De fato existiram retaliações a suas obras e seu pensamento não era de todo bem visto pela sociedade, mas Rousseau passou a fazer disso o tema de sua vida. Sua fuga da sociedade se da justamente por entender que qualquer sinal de hostilidade para com ele se dá pela má reputação que julga ter.

Se por um lado o autor se resigna do convívio social pelas circunstâncias que diz viver, por outro, esse isolamento traz Rousseau a si mesmo. A introspecção que é fruto da solidão que o autor se propõe ter é o que lhe causa maior conhecimento de si.

Esses enlevos, esses êxtases que sentia algumas vezes ao caminhar sozinho, eram prazeres que devia a meus perseguidores: sem eles nunca teria encontrado nem conhecido os tesouros que carregava em mim mesmo (Rousseau, 2008, p. 17).

Contudo, esse apreço pela solidão e pela conjugar isso a natureza é uma predileção que o acompanha anteriormente ao recuo que este dá à sociedade. É visto nos “Devaneios” tanto quanto em suas “Confissões” que este sempre teve uma idiopatia pela vida campestre, pois como visto em Santos (2012, p. 102), “a natureza é o lugar da liberdade” e a sociedade é “espaço da opressão”. Essa interiorização apenas se acentuou com suas queixas em desfavor da sociedade da qual fez parte.

Outrora vivi com prazer na sociedade, quando via em todos os olhos apenas benevolência ou, no pior dos casos, indiferença daqueles que me desconheciam. Mas hoje, quando é mais fácil mostrarem meu rosto ao povo do que minha natureza, não posso colocar os pés na rua sem me ver cercado de objetos dilacerantes; me apresso em chegar a passos largos no campo; assim que vejo a vegetação, começo a respirar (Rousseau, 2008, p. 128).

Se, por um lado ele apresenta-se como mais feliz em meio à natureza e afastado dos homens, essas mes-

15 Há uma consideração tecida por José Carlos Leopoldi apoiado na Ideia de Robert Derathé (1968) que ilustra bem essa ideia entre a obra e a vida de Rousseau: “Diga-se de passagem que a estreita correlação entre a vida e a obra de Rousseau destacado com incomum recorrência nos trabalhos de estudiosos desse filósofo e pensador político [...] De maneira muito incomum é necessário conhecer a vida de Rousseau para compreender seu trabalho” (2002, p.162).

mas passagens conduzem a percepção frequente na escrita de Rousseau de um saudosismo relativo ao tempo em que confiava nas pessoas, e deixa ser perceptível essa desconfiança devido aos “infortúnios” causados pela traição que diz ter tido, e pela conjuntura que o leva a crer perseguido pelos seus contemporâneos.

Rousseau demonstra com afeto na escrita essa vontade de entregar-se a sociedade e ao convívio dos homens. A solidão à qual ele esta entregue, portanto é parte da condição que este adota para si após as retaliações sofridas por suas obras.

Esses sentimentos estão expostos ao fim da Nona Caminhada na qual Rousseau trava relações com um homem a quem ele designa uma primeira impressão descrevendo-o como “de bom senso e de bons costumes” (2008, p.130), e continua:

Fiquei surpreso e encantado com seu tom aberto e afável, não estava acostumado a tantos favores; minha surpresa cessou quando descobri que acabara de chegar da província. Entendi que ainda não lhe haviam mostrado minha figura e passado as instruções. Aproveite-me desse anonimato para conversar alguns momentos com um homem e senti, na docura que nisso encontrei, o quanto a raridade dos prazeres mais comuns é capaz de aumentar-lhes o preço (*ibidem*).

Essa passagem demonstra muito bem que o autor em questão havia se afastado do convívio dos homens por não se sentir aceito por eles, demonstrando claramente que a seu sentimento de perseguição acabaram por aumentar nele o gosto, já pré-disposto, pela solidão e pela natureza, aumentando significativamente seu hábito por entregar-se aos prazeres que lhe era concebido por ambas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Deixar-se ao futuro é fato nos últimos escritos de Rousseau, porém fica perceptível que esse modo de legar-se será dado pelo exame de sua condição enquanto ser humano. Uma condição que se apresenta sob sua própria ótica e que é trazida ao mundo externo pela escrita de seus devaneios propiciados pelo encontro de Rousseau consigo mesmo durante a redação desta obra.

A subjetividade com que o autor faz sua apre-

sentação o torna um ser ímpar frente ao contexto no qual ele estava inserido. Quando lemos sua obra – neste caso os devaneios – passamos a visualizar as situações pela percepção que Rousseau tinha delas. O que nos fora transmitido por tais textos nos sugere a construção de uma imagem criada pelo ser que fala de si, pela sua própria interpretação da vida.

Essa autoconstrução constante – objetivo do texto – possibilita ao leitor que tenha um olhar mais cuidadoso a aproximação dos sentimentos do autor. A narrativa da vida, os momentos de alegria e as frustrações, por vezes, pelo modo como é conduzido o texto, são capazes de prender o leitor como se estas fossem a ele uma carta endereçada contanto as venturas da vida, e confundem pela exposição de sentimentos tão comuns a maioria dos seres humanos, fator que, sem dúvida cativa o leitor que pode tomar a obra pra si.

Entretanto a construção da imagem finalizada de Rousseau não se deu pela escrita dos textos autobiográficos e neste caso o livro em questão no estudo. A construção efetiva dessa imagem dependerá ainda do nível de conhecimento que o leitor tenha sobre o autor, tanto pelas demais obras destes quanto pelo conhecimento da conjuntura histórica e por estudos que remetam àquelas.

Ainda podemos considerar que ao deixar “Os Devaneios” sem um término o autor acaba por deixar sua vida e a construção de sua autoimagem inacabada permitindo assim ao leitor de Rousseau a incógnita do que viria mais a dizer o autor sobre si. Apesar de Rousseau indicar sempre um direcionamento acerca de sua personalidade e construir uma autoimagem, ao não ter uma finalização de seu último livro, é como se a própria construção de uma imagem forjada ao mundo externo ficasse por ser ainda interpretada pelos que viessem a interessar-se por desvendar quem foi Rousseau.

Assim, a interpretação e a construção da imagem de quem foi, e do modo como Rousseau viveu será efetivamente dada pela percepção tida pelo leitor, pautado em seu próprio conhecimento acerca do autor. É evidente e inegável que escrever sobre si, ressaltando principalmente uma imagem¹⁶ que se pretenda construir, serve como alicerce para jus-

16 Não usamos a expressão “uma imagem” neste momento de forma a objetivar a formação da imagem apenas do autor, mas para expressar a concepção geral sobre o que se quer transmitir de si e do que o cerca. Consideraremos que a formação da imagem de Rousseau não se dá desvinculada de seu contexto e, portanto, deve estar em consonância com o discurso que o cerca contrapondo-se ao que precisa negar e apoioando-se no que pode justificar seu pensamento. Assim Rousseau - durante as exposições de sua vida - não cria apenas uma sua própria imagem, mas tece sua impressão sobre o mundo e os processos nos quais esta envolto. A conduta de sua vida, as perseguições e afrontamentos e mesmo seus contemporâneos são imagens construídas a partir, se não puramente das reais percepções tidas destes processos e pessoas, da intencionalidade em traduzir as ações e indivíduos dessa forma justamente para gravar de forma mais contundente sua própria imagem.

tificar uma concepção própria. Se Rousseau havia posto sua percepção e entendimento de mundo em seus escritos filosóficos e teóricos, e por isso era, como o próprio autor diz, perseguido pelos seus contemporâneos, nada mais importante do que deixar algo além de si que pudesse remeter enquanto pessoa a este mesmo ideal. Além da unidade que se evidencia entre o autor e obra, ambos baseados em uma mesma concepção diminui consideravelmente o risco de incorrer em falhas¹⁷, pois o que se é passado em seus livros teóricos anda em consonância o que se apresenta em suas obras na qual este diz expor crumente ser próprio ser. A unidade gerada pela afirmação de objetivar viver seus ideais teóricos é capaz de recriar uma imagem una acerca do autor e de sua obra.

REFERÊNCIAS

- ABRANTES, Paulo. *Imagens de natureza, imagens de ciência*. Campinas, ed. Papirus, 1998.
- ALBERTI, Verena. Literatura e Autobiografia: a questão do sujeito na narrativa *in: Estudos Históricos*, RJ 1991, p. 66-81.
- ARTIERES, Philipe. Arquivar a Própria Vida, Escrita de Si/Escrita da História *Estudos Históricos*, 1998, n.21.
- BOURDIEU, Pierre. A Ilusão Biográfica *in: Usos e abusos da História Oral*. s/d, p. 183 -191.
- CERIZARA, Beatriz. Os devaneios de um caminhante solitário (Jean-Jacques Rousseau) *in: Revista Fragmentos*; Nº2 145-147, r OLLE/UFESC Floripa- nopolis 1983. Acessado em: 24/08/2013.
- CHARTIER, Roger. **A história cultural:** entre práticas e representações. Lisboa: Difel, 1990.
- CHAUÍ, Marilena de Souza. Vida e Obra. In: **Os pensadores: Jean-Jacques Rousseau**. Ed. Nova Cultural, 1997, SP.
- FOUCAULT, Michel. A escrita de si. In: **O que é um autor?** Lisboa: Passagens. 1992. pp.120-160.
- LEOPOLDI, José Sávio. O estado de natureza, o “bom selvagem” e as sociedades indígenas *in: Revista Alceu*, v.2, nº4, p. 158 – 172, jan/jun – Puc – RJ 2002. Disponível em: http://revistaalceu.com.puc-rio.br/media/alceu_n4_Leopoldi.pdf acessado em: 25/08/2013.
- MALUF, M. **Ruídos da memória**. São Paulo, Siciliano. 1995.
- MARQUES, J.O.A. Rousseau e a possibilidade de uma autobiografia filosófica. Publicado em MARQUES J.O.A. **Reflexos de Rousseau**, SP: Humanitas, 2007, p.153-172.
- ROCHA, Carla M. KRETZER, Jucélia. KLOZOSVSKI, Marcel J. Rousseau e o Estado Contemporâneo *in: A Economia em Revista*, Volume 19, nº2 UEM – Maringá – PR Dezembro de 2011.
- ROSSI, Vera Helena Saad. **As múltiplas personas de Jean-Jacques Rousseau em Os Devaneios do Caminhante Solitário**. Kalíope, ano 4, nº7, p.101 – 111, jan/jun São Paulo 2008.
- ROUSSEAU, Jean-Jacques. **As Confissões**. Tradução: Wilson Lousada. Martin Claret, SP, 2011.
- ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Os devaneios do caminhante solitário**. Trad. Julia da Rosa Simões. Porto Alegre, RS. Ed. L&PM, 2008.
- SALVADORI, Theo Tanus. **Temporalidade n'Os Devaneios do Caminhante Solitário: uma análise da Primeira Caminhada**. 6º encontro de pesquisa na graduação em filosofia da Unesp. Vol. 4, nº 1, 2011.
- SANTOS, Antonio Carlos dos. Considerações sobre as ciências e as artes em Rousseau. **Revista Argumentos**, ano 4, nº8, 102 – 107 Ceará 2012.
- SCHOLZE, Lia. Por Uma Pedagogia Da Leitura Escrita, *in: Revista Entrelinhas*, Ano III, nº1 jan/jun. 2006.

¹⁷ Embora em momento algum da obra estudada Rousseau considere equivocada qualquer uma de suas ideias e ideais expostos em suas demais obras, causa a impressão que este se faz parecer justamente com o exposto em seus livros teóricos.

TECCHIO, Caroline. **Memórias do combate à Coluna Paulista no oeste paranaense: a escrita de si nas pajadas de um soldado** Dissertação (Mestrado em História) Programa da Pós-graduação em História. Instituto de Ciências Humanas> Universidade Federal de Pelotas, Pelotas RS 2012.

TOLLER, Heloisa. **Bons e Maus Selvagens**: a indispensável visão mítica : Colonialismo/ Imperialismo Europeu Ipotesi, Juiz de Fora, v. 11, n. 1, pág. 113 - 124, jan/jun 2007.

UEPG, **Manual de normalização bibliográfica para trabalhos científicos**. 3. ed. rev. Ponta Grossa: UEPG, 2010.

VIEIRA, Renato. Os ideais de igualdade, fraternidade e liberdade na prática democrática: entre Rousseau e Habermas. **Revista Lumen Et Virtus**, v.II,p.121-133, 2011.